

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA POLO DE ALVORADA

MARIA INÊS DALPIÁS OLIVEIRA

USO PEDAGÓGICO DE IMAGENS DE ARTE

Porto Alegre

2010

MARIA INÊS DALPIÁS OLIVEIRA

USO PEDAGÓGICO DE IMAGENS DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia – Modalidade à distância, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientador(a): Prof. Luís Armando Gandin

Tutor(a): Tanara F. Furtado

Porto Alegre

2010

RESUMO

Este trabalho apresenta a composição do relato e análise da experiência realizada na escola pública onde realizei meu estágio curricular, que teve como tema central o uso e consumo consciente da água e durante o qual foi proposta a realização de releituras de algumas obras de Portinari. Para que se garantisse a efetivação da proposta construtivista, expressa como objetivo primordial, utilizamos debates como recurso facilitador do processo de construção de opiniões. O debate como ação efetiva nas aulas produziu momentos de abertura para a manifestação da livre expressão, a que os alunos não estavam acostumados. O estudo de caso do arroio que fica próximo da escola e das casas dos alunos mostrava-se significativo e captava a atenção e o interesse do grupo. Mas ainda assim a professora percebeu que os alunos gostariam de falar sobre seus anseios diários. Foi sugerido então que o grupo passasse a estudar sentindo diferentes tipos de manifestação cultural, como a música e apreciação de obras de arte, como uma possibilidade de refletir sobre a vida a partir de uma perspectiva mais inspiradora e bela. Diante do desafio de apresentar uma proposta reflexiva que estabelecesse relação entre a sensibilidade e a compreensão para as angústias diárias dos alunos e a consciência sobre a gravidade da falta da água (trabalho base do estágio) foi apresentada ao grupo de alunos, como provocação: Portinari - *Retirantes*. O trabalho com releituras visava auxiliar os alunos na compreensão de seus anseios diários, próprios de crianças alvos de problemas emocionais e pais distantes ou ausentes, além da continuidade ao trabalho de estágio que exigia atenção e aquisição de conhecimentos relativos a água. Seguindo esses objetivos a proposta de releitura das obras de Portinari se adequou harmoniosamente. Ao entrar em contato com o tema que Portinari aborda em sua obra “Retirantes” (série de obras desse mesmo tema) os alunos começaram a construir sentido para seu contexto social – dor, solidão, perda e possível falta de recurso básico (água). Ao reproduzirem releituras, que configuravam suas sensações, vivenciaram a capacidade de dividir o desenho livre do preconceito, diante de um novo ponto de vista estético e sentiram necessidade de investigação sobre a força da palavra (como agressão), cujo resultado não mais predominava como positivo na sala de aula. As obras de Portinari possibilitaram o contato com um mundo sensível. No princípio de forma impactante, pois *Retirantes* revela uma realidade “feia”, com traços plasticamente singelos e simples para alunos de dez e doze anos. As aulas melhoraram no sentido do respeito mútuo e da colaboração nas questões de aprendizagem. A provocação resultou em propostas muito sérias, ditas ou não, mas reveladas no dia-a-dia na sua prática. Propósitos que se firmaram até o final do estágio, num clima de liberdade, respeito e colaboração. Novamente foi possível constatar que a arte desperta a inteligência sensível, transforma idéias anteriores e revela aos que dela fazem uso o que há de melhor em cada um.

Palavras-chave: desenvolvimento cognitivo – desenvolvimento emocional - imagem – arte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	9
3 METODOLOGIA.....	15
4 RESULTADOS DO DEBATE SÓCIO CULTURAL DA ARTE	16
4.1 Releitura.....	16
4.2 Vivenciando Candinho	16
4.3. Resgatando auto estima e respeito ao próximo	23
4.4. Valorizando o próprio ambiente.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as crianças estão expostas a todo tipo de informação visual que a mídia pode oferecer.

A sociedade consumista apela para o gosto dos pequenos, incentivando a obter não um só objeto de prazer, mas alguns tipos de aquisições que vem em série: série de *Hot wheels*, série de cartinhas, pulseirinhas coloridas, série de *Barbies*, série de filmes, em que se pode adquirir o nº 1, 2, 3, saga infinita que não colabora para a compreensão do ser, pelo contrário, exerce sobre o grupo infantil e infante juvenil confusão mental, pois constroem apego pela quantidade, desvalorizando ou diminuindo atenção a qualidade, que cada brinquedo ou brincadeira pode proporcionar. Este comportamento que sobressai o ter ao ser, muitas vezes acaba obstruindo a intenção dos pais e professores em construir conhecimento mais significativo sobre os saberes diários.

Relembrando minha infância e conversando com minha filha de oito anos, disse a ela que tínhamos uma boneca, que era "a boneca". Mudávamos sua roupinha com restos de tecidos ou cordões, o que a fazia muito divertida. Nas datas de Dia das Crianças ou Natal ganhávamos um bico para a boneca ou malinha para guardar as roupinhas da boneca. E assim íamos construindo um universo interativo e com significações do mundo.

Não havia obsessão pela quantidade e sim pela qualidade e isto era demonstrado em nossas atitudes com valores como: respeito, amor, sensibilidade. Pois a partir do cuidado que se detinha ao brinquedo eram trabalhados outros valores, como por exemplo, valorizava-se o quanto os pais custavam para nos proporcionar tal brinquedo, este cuidado se transformava em respeito, sensibilidade a qual não concebia que estes fossem danificados ou perdidos.

Observando o passado e o presente é notória grande diferença no comportamento infantil. Na escola os alunos importam-se pouco com o que tem, querendo sempre mais. Envolvendo-se pouco com a brincadeira, como experimentação da vida, mas desejando aquisições. Usando-se desde

comportamento para suprir carências e não para representar suas experimentações da vida, o que a brincadeira deveria proporcionar.

O que a escola pode oferecer no sentido de experimentar a vida, fazendo pensar e sentir, seja através da brincadeira, da música, jogos dramáticos ou arte?

Diante de realidade encontrada em minha turma, na qual fiz estágio – processo obrigatório para colação de grau, neste curso e universidade –, com quarenta alunos de 4ª série, na escola pública de Alvorada procurei pesquisar a respeito do que iríamos construir juntos. A partir desta investigação buscamos o que estava próximo aos alunos e que, de certa forma, os incomodava.

Após este trabalho meu objetivo tornou-se a construção de *blog*¹, que se encontra no endereço: <http://ligadanaturezaturma41.blogspot.com/> para que através dele, a turma registrasse suas descobertas a respeito da água, pois em seu contato social há um arroio com problemas de depredação do leito, dejetos e muito lixo.

Foi através da pesquisa sobre o que queriam construir que perceberam a necessidade de que todos da turma precisavam revisar seus conceitos a respeito da água: como bem precioso, para que não fossem colaboradores para a contínua destruição do ambiente em que vivem, para que investigassem o que leva a comunidade a desprezar esse espaço e que reconstruíssem suas atitudes diárias em reflexão e ação. Estas foram às metas traçadas para iniciar o trabalho.

Porém em certa época do estágio tivemos episódios que demonstraram como a turma estava em desequilíbrio (agrediam-se muito verbalmente e até fisicamente).

Questionada sobre o assunto, por várias vezes, a turma constatou através de debate e retomada reflexiva sobre as atitudes e do trabalho que estávamos desenvolvendo, que os alunos estavam ansiosos, procurando obter muitas coisas ao mesmo tempo. Questionei sobre a mudança de foco no trabalho que estávamos desenvolvendo. Não queriam mudar de assunto, mas senti que gostariam de colocar objetos em suas vidas (comportamento no qual faço reflexões na introdução deste trabalho). Pude concluir que através da abertura que foi proporcionada pelo debate

¹ Blog é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog.

na sala, era trazida ansiedade, revolta, e muita insatisfação com a própria vida, e que pediam algo mais.

Falei da música como forma de resgatar a sensibilidade e o preenchimento de tal vazio. Procurando adaptar a aquisição do ser e não somente do ter, como evidenciavam através da ansiedade e insatisfação inicial.

Reconhecendo o desejo pela música, os alunos pediam vivências áudio visuais e musicais, de seu dia-a-dia. Porém logo percebi que estava sem recursos suficientemente positivos para me apoiarem na reformulação do trabalho na sala de aula. Não descartei o Funk, pois era o que vinha no topo de uma lista, a qual foi sugerida, também através de discussão sobre nosso direcionamento para tal insatisfação (aparentemente em uma maioria de alunos da sala). Foram escolhidas algumas músicas, dentre as quais Funk e Pagode, que "não continham palavrões" (eles mesmos tiveram o cuidado nas escolhas).

Mas... Pouquíssimo agregava ao propósito inicial, de combate ao "vazio". Havia necessidade que se estabelecesse relação entre sensibilidade e compreensão para as angústias diárias dos alunos e a consciência sobre a falta da água (trabalho base do estágio).

Retomei então sugestões acadêmicas e trouxe *Retirantes* de Portinari, para fazerem releituras, a abordagem foi muito satisfatória ao objetivo traçado.

A explosão de idéias, reflexões, sensações e expressões trouxeram à tona, na dor de *Retirantes*, uma provocação nesta aluna/professora. Não tenho a intenção de provar ou receitar, tenho o desejo de compartilhar o quanto propiciar sensibilidade é possível, agradável e nunca espaço neutro.

Este trabalho buscará, através dos momentos vivenciados com a turma, fazer registros analíticos desde a observação da obra, o conhecimento da vida do artista, os materiais utilizados pelo artista e os nomes das obras - inclusive o impacto que estes nomes causaram ao serem lidos - bem como o debate sobre a falta de água e de sensibilidade geral no planeta.

Esse trabalho de conclusão de curso trata de responder a seguinte questão de pesquisa:

Quais os efeitos educacionais e comportamentais sobre os alunos do uso pedagógico de imagens de arte?

Para responder essa questão o trabalho está organizado da seguinte forma: o próximo capítulo apresenta o referencial teórico, que oferece base de compreensão sobre as releituras de obras de arte e como foram utilizadas através dos tempos, como forma de sensibilização e estudo de arte. Apresentam a Taxionomia de Bloom, como caminhos por onde a arte traça suas aprendizagens, sejam elas emocionais ou cognitivas. Ainda neste capítulo há retomada das reflexões a respeito do trabalho, embasadas em estudiosos de arte e educação de forma que há concordância ou não com o que foi pesquisado.

No capítulo seguinte é apresentada metodologia.

No quarto capítulo o debate é trazido pelos seus resultados, além da proposta da releitura, a vida e obra do artista, os impactos causados através destes conhecimentos. Ainda inserida no debate a auto estima dos alunos sendo carro chefe nas mudanças comportamentais e educacionais e finalmente o despertar para reflexão e modificação do meio social e ambiental.

E para concluir ofereço minhas considerações finais a respeito desta experiência.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O nosso país atravessou inúmeras concepções na arte e educação, epistemologicamente falando, mas em 1914 o desenho infantil foi considerado processo mental que devia ser investigado.

Somente em 1948 no Brasil, horizontes se abrem para novas concepções, e o objetivo mais difundido da arte e educação passou a ser desenvolvimento da capacidade criadora, concepção esta que valorava a arte da criança. Idéias positivistas e modernistas, na primeira metade do século XX, compreendiam a arte na educação como técnica ou como atividade e conhecimento adquirido. Ao contrário das teses liberais, que já vigoravam na antiguidade e muito difundidas por Aristóteles, por exemplo, em que a arte fornecia pré-disposição para inteligência, e que indivíduos suscetíveis à criação produziam raciocínio. Deste relacionamento de cientificidade e progresso com desenvolvimento da criança, incorreu-se no grande desvio da arte educação, que passou de educadora dos sentidos para “educação artística”

Conforme autora abaixo, em seu livro *Temas e técnicas em artes plásticas*, nos remetem para este contexto social. Em que a arte passa de educadora de sentido para fornecedora de educação artística. Em que os pontos plásticos das obras são “ensinados” nas escolas. É possível observar a preocupação da autora neste sentido na citação abaixo:

“[...] não é momento apropriado (idade da turma 9 à 12 anos) para ensinarmos teorias sobre cores, mas tentaremos desenvolver uma percepção mais refinada, através da experiência pessoal”. (MARTINS, 1986, p.66)

Apesar do contexto social (por volta de 1980) em que era ensinada na disciplina de Artes, por exemplo, cores, perspectiva, luz e sombra, etc. A autora preocupa-se com a fase em que as crianças se encontram para serem “trabalhadas as suas habilidades”. Pensamento constituía o contexto social e educativo da época, em que a preocupação era educar para as técnicas artísticas. O teor desta obra

visava orientar educadores em sala de aula, em seus planejamentos referenciando as diversas idades dos educandos. A autora constata inclusive o desinteresse da criança pelo desenho, pois é crítica na idade entre doze e quinze anos e percebe seu traço simples e tosco diante do belo que lhe foi apresentado na obra de arte.

Hoje não deveriam mais ser utilizados estes exercícios e sugestões em salas de aula. Sabemos que não só o belo é arte, mas a arte que faz denúncia, como por exemplo, Debret, Goya, Portinari.

Podendo nos revelar o sentido da realidade através da arte, despertar senso de responsabilidade e sensibilidade.

O olhar racional sobre a arte desvia realmente concepções da sensibilidade humana. Porém, podemos repensar tudo isto como educadores. O que fazemos quando esperamos aparência perfeita da escola? Famílias perfeitas, tarefas perfeitas, desenhos perfeitos, deveres perfeitos, emoções perfeitas. Ou seriam estes desejos imperfeitos de professores, que não se enquadram na sociedade atual? Desejos que os alunos representem perfeição. Quando a própria família do aluno já se remodelou a necessidade atual e o professor continua esperando dele "perfeição", aceitação, quando já não existe mais este contexto. Podemos reduzir a sensibilidade e elevar a razão novamente, se valoramos o "perfeito" como ideal. Na pós-modernidade, Arte/Educação se relaciona com desenvolvimento cognitivo, objetivando a priori a sensibilidade do ser humano que segundo Barbosa (2005) tem em sua natureza a realização estética, ou seja, existe "algo de divino" no inconsciente das pessoas. Afirma que pesquisadores mostraram que na busca para solução de problemas há dois comportamentos básicos: o pragmático e o estético. E o que Barbosa afirma é que a partir de padrões estéticos e discernimento, as pessoas vão acrescentando às suas vidas prazer ao fazer e ao resolver.

Este princípio deveria estar presente dentro das escolas, na forma pedagógica do dia-a-dia. Os artistas e suas pinceladas emocionais e sócias culturais podem ser ocorrência paralela nos processos intelectuais e reflexivos em nossas salas de aula. Podemos resgatar formas de resolver desafios diários, incentivando criatividade e percepção dos sentidos, na sua essência. Barbosa orienta nossos avanços educacionais, para a "magia" da leitura e a compreensão do artista, de seu tempo e espaço sociais, em caráter amplo e não somente do mundo infantil.

Anamelia Bueno Buoro (2003) também salienta que a linguagem plástica estimula inúmeros pensamentos, que colaboram para apresentação de qualquer tipo de assunto, desde que a criança tenha interesse e que este se adeque ao universo social em que vive. Releitura de obra de arte é um trabalho que faz sentir o mundo. Por volta dos anos noventa, quando foram iniciados trabalhos de professores, que se utilizaram deste recurso, parecia algo inovador, mas na verdade não, pois os grandes pintores se valeram de releituras: Van Gogh feita por Francis Bacon, Velazquez feita por Picasso, e Manet, feita por Magritte. Com a utilização deste trabalho, Arte Educação volta-se para a o resgate do pensamento abstrato, da educação dos sentidos, na forma simples de olhar para o mundo. O resgate na Arte Educação se interligando a possibilidades educacionais faz link direto com a Taxionomia dos Objetivos Educacionais, ou proposta de Bloom, é citada por Barbosa (2005) como uma classificação que dividiu as possibilidades de aprendizagem em três grandes domínios: o cognitivo, abrangendo a aprendizagem intelectual; o afetivo, abrangendo os aspectos de sensibilização e gradação de valores; e o psicomotor, abrangendo as habilidades de execução de tarefas.

Considerando a taxionomia de Bloom como ampliação de aprendizagens e pela arte a consciência desenvolvida, é possível observar o poder de transformação que releituras (num fazer pedagógico) possibilitam em termos de desestabilização pessoal. A organização pedagógica (bem aproximada da proposta de Bloom, a qual nos fala Barbosa) divide em exercícios a serem trabalhados como: exercício do ver, exercitar a habilidade da imaginação, relacionar arte com o meio ambiente e produzir artisticamente reeditando com sua própria compreensão. Precisamos nas escolas, buscar ensinar a codificação do olhar. A imagem sempre esteve e cada vez mais está em nossos meios, e, este estudo visual reforça as capacidades cognitivas, pois estamos em plena web 2.0², que direciona para um novo caminho visual, caminho das cognicidades e habilidades educacionais. Parece bem positivo todo o processo que se apresenta, afinal temos acesso a tudo, os alunos estão expostos a inúmeros estímulos, podendo se desenvolver imensamente, porém Ostrower nos alerta para que:

² WEB 2.0 é um termo que designa uma geração de serviços que utilizam a web como base, é uma segunda geração que envolve aplicativos como wikis e blogs, formando redes sociais e de aprendizagem. Esta nova versão se dá pela forma de redes de aprendizagens que acontecem, não especificamente às técnicas e atualizações, mas a motivação que surge destas interações.

“[...] ao mesmo tempo com tantas oportunidades que se oferecem, há um processo orientado exatamente em sentido inverso, um processo que aliena as pessoas de sua espontaneidade criativa e de seu potencial sensível, um verdadeiro progresso de dessensibilização das pessoas, que as incapacita para o uso das oportunidades oferecidas... Cabe ainda entender que dessensibilizadas e despojadas de suas capacidades criativas, as pessoas são mais facilmente condicionadas a abdicarem de critérios críticos.” (2004, p. 343)

Os critérios confusos destas vivências sociais podem estar desatados em linguagem expressiva na escola. Pois é dentro dela, que é possível elencar os inúmeros pensamentos que ali existem, trocando informações, reeditando suas hipóteses e reconstruindo novos olhares sobre o que realmente é verdadeiro, diante de tais confusões sociais. A principal tarefa do educador neste sentido é exatamente buscar elementos que desestabilizem as certezas temporárias dos alunos, que no meio fértil de uma sala com linguagem livre e incentivada pela proposta construtivista, com certeza alcançarão força para construção de conhecimentos. O papel real do educador, conforme o mestre Paulo Freire, que deseja e profetiza que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas... (deveria ser) ética universal do ser humano" (1996, p.15, 16)

Educar sentidos, um potencial latente em todos, é permitir a realização da personalidade, pois na arte encontramos a forma humanista de fazê-lo, conforme Fayga 2004, educar para ver e não somente para olhar. Pois as escolas vivem no montante diário de tarefas mecânicas, sem perceberem o distanciamento do sensível. O que a metodologia rigorosa vai refutando é o essencial para sua própria realização.

Os problemas sociais que percebidos diariamente, tomam corpo na arte, tornam possível olhar para arte e dela absorver resiliência, alcançando que não há distanciamento entre arte e vida real, mas que há necessidade e direito de buscar o equilíbrio. Nereide Schilaro reforça este pensamento sobre a construção da inteligência através da arte.

“[...] o exercício de observação e a leitura de conteúdos expressivos sobre obras de arte e ainda a troca de idéias, a análise e observação dos meios e formas artísticas (possibilitam) desenvolverem o processo da inteligência”. (2006,)

Na releitura em sala de aula não se quer cópia idêntica, como produto comercial, para fins lucrativos, por exemplo, exige-se a forma individual e única de cada aluno sensibilizar-se.

O poder da observação sem preocupação com a semelhança, mas com a fusão dos sentidos, das percepções amplas e específicas também Fayga Ostrower garante que:

“[...] a riqueza de cada um consiste em sua humanidade e inteligência sensível. É isto que torna as pessoas criativas... a arte é um legado para a humanidade. Quanto mais viessem a conhecer a arte mais esta lhe pertenceria.”(2004, p.385)

Porém a autora nos alerta para a ilusão nas formas falsas de despertarem sensibilidade. O sentido ético distorcido, para onde o concreto nos impulsiona é sempre armadilha a ser desarmada. As séries compulsivas de desejos, aos quais foram citados no princípio deste estudo, em que é valorizada a quantia e não a valia. O momento cultural que vivemos e ao quais nossos alunos estão experimentando a vida, podem nos levar as falsas fontes de sensibilidade ou ainda pior, a aceitação de que seja natural e comum ouvirmos sons altíssimos com o objetivo de despertar nossa felicidade, que cores vibrantes e flúors é que nos fazem criativos, pelo poder de atração que contém e assim sucedem inúmeros dos exageros. Todos estes excessos agridem nossa concentração. É preciso ainda, olharmos com cuidado para a questão de engodo efetivada pela sociedade, que em seu discurso vazio nos fala Barbosa (2005), que esta, está desconectada do mundo escolar, no momento em que cria paradoxo entre cultura e escola, como exemplos podem observar poucos recursos destinados à arte na escola. Barbosa diz que:

“[...] a sociedade coloca na hierarquia cultural a arte como uma das mais altas realizações do ser humano, construindo "verdadeiros palácios que chamamos museus para expor os frutos da produção artística ... Reconhecemos que a arte representa a apoteose cultural de uma sociedade, mas reservamos um espaço bem pequeno para ela.” (2005, p.33)

Neste discurso oco, novamente nós, professores precisamos buscar unir realidade e cultura, exigindo o que de direito há para escola. Sejam em forma de apresentações, visitas, ações pedagógicas de cunho cultural. Para enlaçarmos a teoria construtivista e nela apoiarmos o fazer pedagógico.

Neste sentido, o estágio foi direcionado a identificar problemas relevantes e talvez possíveis soluções.

Inserido em um processo que não pretendia resultados definitivos, mas necessitava de sujeitos sensíveis articulados ao seu processo social. O trabalho para tal desafio buscou bases nas construções que foram propostas sobre releitura de obra de arte, no terceiro semestre, na interdisciplina Arte Educação no PEAD UFRGS. A realidade voltada para questão da água – e a falta deste recurso - conduziu para que considerando as especificidades da turma em que foi realizado o estágio, fossem apresentadas a obra de arte de Portinari, que demonstrava a falta da água, paralelo, que concluí ser necessário ser traçado diante de tal estudo.

O ponto crucial do estágio, relativo a modificações comportamentais e educacionais, tornou-se o estudo e o debate sobre a obra de arte de Portinari e o contexto vivenciado pelo artista.

Os alunos se permitiram ampliar conhecimentos e desfrutar da sensibilidade.

Todo o enredo culminou com expressão criativa dos educandos e a mudança comportamental diante de tal reflexão.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa de campo trata de investigar quais efeitos comportamentais e educacionais a arte de Cândido Portinari causou sobre os alunos de quarta série.

A trajetória seguida para a pesquisa iniciou pela seleção de informações que os alunos deixaram registradas, através de *blog*, que encontramos no endereço seguinte: <http://ligadanaturezaturma41.blogspot.com/2010/05/agua-leva-forca-do-pensamento.htm>, relatórios escritos pelos alunos e as próprias releituras arquivadas no *blog*. Resgatou também registros em *wiki*³ que é possível encontrar no endereço: http://mariainesestagio.pbworks.com/w/session/login?return_to=http%3A%2F%2Fmariainesestagio.pbworks.com%2Fw%2Fpage%2F24390225%2FFrontPage, o qual configurou a estrutura de diário de campo, com todas suas etapas desde os planejamentos das aulas até as avaliações dos contextos vivenciados, falas e diálogos fossem individuais ou em debates.

Utilizei reflexões de *blog pessoal*, que se encontra no endereço: <http://mariegog.blogspot.com/>, no qual registrei enfaticamente minhas aprendizagens como aluna do PEAD.

Os dados aqui compartilhados não estão expressos através de números ou processo estatístico, mas sim a partir da análise de um referencial teórico que fundamenta as análises antes e depois das experimentações de releitura com obra de Portinari.

³ Wiki é uma ferramenta de software que permite a qualquer pessoa criar e alterar páginas de um site na web. Funciona como um gerenciador de conteúdo sendo que os usuários não precisam ter conhecimento de html ou outras linguagens.

4 RESULTADOS DO DEBATE SÓCIO CULTURAL DA ARTE

4.1 Releitura

O termo releitura foi usado por volta de 1990, mas artistas do passado já se utilizavam desta técnica para inspirarem-se, como por exemplo, Pablo Picasso em 1960 praticou releitura de obra de Manet. Em 1963 Picasso faz vários ensaios sobre a mesma obra.

No trabalho de estágio a releitura da obra de Cândido Portinari foi utilizada para constituir resgate de sensibilidade, necessidade evidenciada pela turma, e confronto entre a visão primeira e ingênua do contexto: Arroio Belas Águas e a realidade de grupo social que não possuía água, apresentada na obra.

A releitura contemplou o alcance nas metas traçadas.

4.2 Vivenciando Candinho

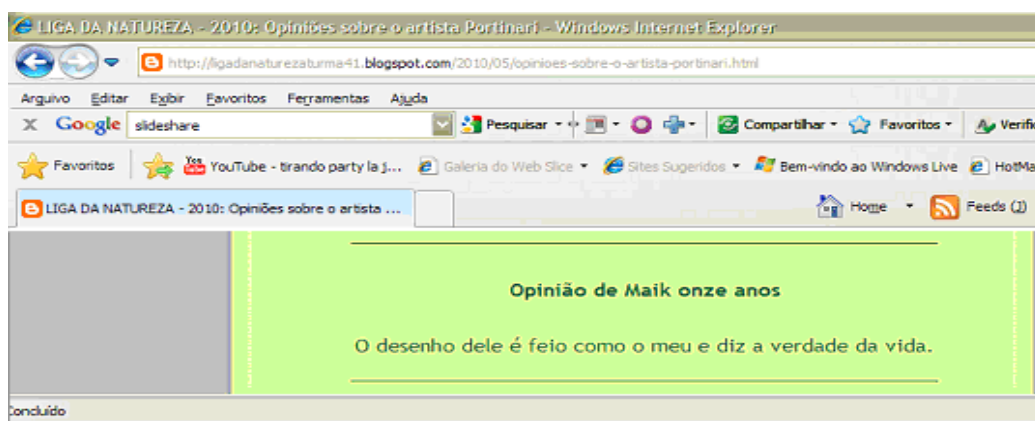
A visualização de slides, encontrado no endereço do relatório de estágio: <http://mariainesestagio.pbworks.com/w/page/26148226/slide-semana-3-maio-a-7-maio>, foi o primeiro passo. Nele continha a obra: Retirantes 1944; Retirantes 1955 Retirantes 1958; Mulher, Menino e Morto 1939; Homem Bebendo Água 1955. O artista Portinari e sua biografia resumida, de forma que os alunos pudessem compreender de onde veio, como ele chegou na arte, o que o levou a pintar estas obras.

O debate começou a partir da empatia com o traço. Os alunos, muito críticos nesta idade, sentiram que o formato do desenho de Portinari era muito aproximado dos seus. A autora Mirian Martins em seus estudos sobre arte e as crianças, comprova a idéia da auto crítica, que os alunos nesta faixa etária apresentam. A autora diz que as crianças entre dez e doze anos observam que seus desenhos não acompanham a realidade do que querem representar. Que não conseguindo reproduzir o que desejam de forma estética aceitável, desistem de seus desenhos.

O que observei foi uma manifestação desta ordem já no primeiro contato dos alunos com as obras e suas impressões. Acredito que a sensibilidade interna, mesmo que ofuscada pela agitação intensa de nossa época, existe como parâmetro natural. A auto crítica que o aluno faz sobre seu traço, como sendo imperfeito ou não contendo informações suficientes, logo foi desfeita diante da visualização da obra.

Os desenhos dos alunos se adaptavam aos do artista. As crianças sentem-se seguras ao encontrar nas figuras de Portinari aproximação do seu próprio traço. Ocorreu aprendizagem instintiva sobre o que fornece resultados positivos da realidade vivenciada, tornando possível a troca do receio, sobre suas produções, pela adaptação ao meio, ou seja, aceitação e reforço das próprias convicções plásticas.

Na frase dita por aluno de onze anos: "O desenho dele é feito como o meu e diz a verdade da vida". O educando expressa a possibilidade que sente em apropriar-se da arte, a capacidade e o poder em transferir seus sentimentos com sua própria arte aos demais.



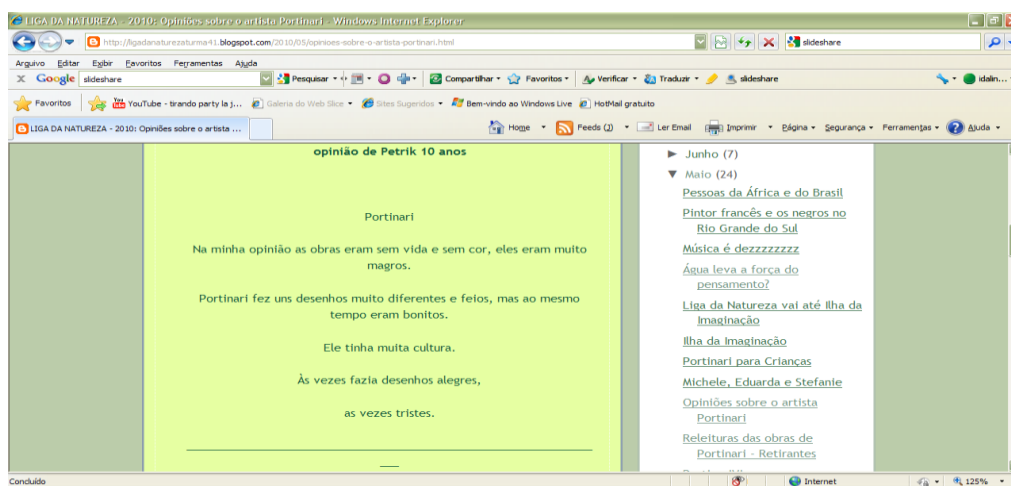
Além desta consciência sobre o imperfeito e seu valor para o ser, a qual emite satisfação, foi possível observar que havia elevação da verdade. A capacidade de autoestima fica presente diante de tal consciência. O ato comparativo à estética trabalha a criticidade no educando. As sensações adversas e unidas fazem com que o contraste torne-se exercício de cientificidade. O aluno como ser crítico, questionador, que observa seu contexto social, no qual estética se apresenta de inúmeras formas, neste caso, acoplado a preservação da verdade.

Esta situação, que promove comparações entre estética e criticidade, nos alunos, exprime as concepções anteriores dos mesmos, porém despertam as

faculdades de espontaneidade e liberdade para gostar de suas produções artísticas. Este ato, quase sempre deletado anteriormente pela escola, nesta proposta de releitura, renasce de forma instintiva, mas coordenada pela ação verbal e linguagem estética, o que configura em aprendizagem não simplesmente pela troca conceitual, mas pela prática utilizada.

Esta aprendizagem aqui registrada, sendo inovadora ou já usada anteriormente notifica que com o decorrer do curso é que pude aprender e viabilizá-la em minha prática docente. Conforme Aristóteles na antiguidade, dizia que a arte operava diretamente na capacidade cognitiva, neste estudo foi considerado da mesma forma.

No texto abaixo, o aluno apresentava grande dificuldade de expressão, tanto verbal quanto escrita, porém neste relato pode-se conferir o que acrescentou em sua produção. O seu desempenho textual apresenta superior ao que sempre produziu. O aluno observa a cor e a estética, mas percebe a sutil mensagem quando diz: “diferentes e feios, mas ao mesmo tempo eram bonitos”, e ainda a esta sutileza atribui à palavra cultura.



Este menino consegue aos dez anos compreender como é possuir cultura. Esta atitude desencadeada aqui através do estudo de arte com releitura.

O aluno P., dez anos, escreve sobre o artista: “Em minha opinião as obras eram sem vida e sem cor, eles eram muito magros. Portinari fez uns desenhos muito diferentes e feios, mas ao mesmo tempo eram bonitos. Ele tinha muita cultura. Às vezes fazia desenhos alegres, às vezes tristes”.

“Outra criança disse que não havia gostado do artista, porque só pintava coisas feias”. “Ao que expliquei que não só feias que ele também fez desenhos lindos de crianças felizes, por exemplo, em sua terra natal.” Com esta fala eu tencionava que os alunos procurassem mais sobre o artista e assim ocorreu, pois mais obras acabaram conhecendo, não só de Portinari, mas Debret em outra ocasião, as quais apreciaram muito, principalmente porque este artista fazia relação com a vida da mesma forma que Portinari, mas relacionado aos negros na época da escravidão sentindo-se tocados pelas provocações que estes artistas propõem em suas obras, fatores que expõem a fragilidade humana e seus sofrimentos raciais e culturais.

A sensibilidade estava clara diante de tanta denúncia e dor. Candinho estava denunciando a falta de cuidado, que nós temos uns com os outros, ao que concordaram e mencionaram atitudes de ajuda ao próximo.

A taxionomia de Bloom também se apresenta no relato do aluno P., mencionado acima, como o exercício de ver, descreve com clareza cada detalhe e apontando detalhes visuais. Este relato fala-nos da sensibilização que a criança teve diante do “feio” e do “bonito”, o aluno conseguiu captar em sua forma profunda o que o feio pode trazer de belo e de cultural, passando a ampliar seus olhares diante do mundo. Nesta experiência e conforme estudos de Bloom, o ato de ver e olhar são distintos e, portanto a importância da educação dos sentidos através de ações pedagógicas. Provavelmente estariam ainda adormecidos os sentidos deste aluno, citado acima, que fazem link entre estética e cultura, ou belezas diferentes.

A receptividade que P. apresenta dá sentido global, o que amplia conhecimento verbal e escrito. Além da utilização em sua própria releitura.



Abaixo as observações da postagem de diário do estágio – reflexão da semana de 31 de maio de 2010:

“Os alunos, como já pude perceber gostam deste tipo de trabalho (debate e releituras), ao qual não utilizava antes em minhas práticas e com certeza é muito produtivo para ambas as partes, pois consigo observar as interações como: "Júlia olha este aqui é auto retrato, lembra o que é auto retrato?" "Sim é o artista que pinta ele mesmo." "O Guilherme tá copiando tudo." (todo o conteúdo do slide de obras de arte)

As observações, feitas em reflexão do estágio, apontam uma importante conquista, pois o menino citado, que está trabalhando, não apresentava quase interesse pelas aulas de História, mas nesta circunstância se envolveu muito. O objeto pelo qual o aluno deseja trabalhar, que por observação própria considera importante, leva aos questionamentos que enumeram soluções, as quais poderão ser lidas logo à frente. Esse efeito educacional e comportamental é afirmado por Barbosa na medida em que o aluno apresenta discernimento sobre seus pensamentos. No caso a partir de padrões estéticos e pragmáticos que vivenciou entre debate e releitura de obras do Portinari.

Nas reflexões da mesma postagem de 31 de maio de 2010, conseguimos perceber a evolução e sensibilização sobre o olhar a obra do aluno que quer copiar o conteúdo relacionado ao trabalho com releitura.

“Questionado sobre não precisar copiar todo o conteúdo, mas que o importante é que entendesse da leitura, diz que:”. “Tudo “ali ta legal” e quer copiar.”

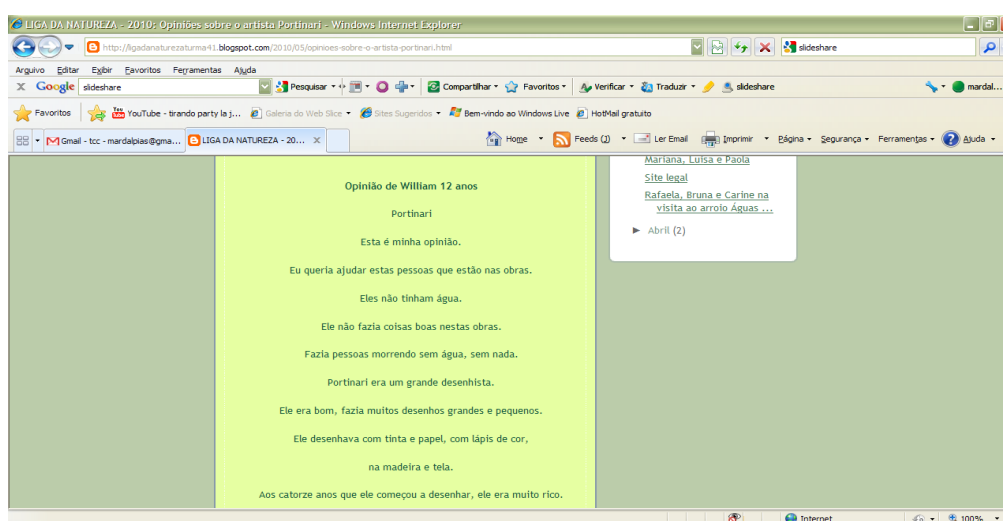
“Quando faziam releituras pedi que olhassem bem as cores usadas. Observavam que eram muito variados os tipos: casas, rua, sem chão, com cena...”

As constatações registradas em diário do estágio reforçam os fazeres diários em sala de aula:

“Surpreendi-me pela riqueza de detalhes que foram observados. Este estágio vem servindo como testagem para uso de inovações em sala de aula. A forma como os alunos se comportam vão nos dando subsídios para refazer o que está dando certo e descartando o que está ultrapassado”.

Esta reflexão sobre a prática demonstra o quanto é possível evoluir junto com nossos alunos. A apreciação vem pela observação da obra. Nereide Santa Rosa constata que toda a estrutura da composição, forma conjunto para sensibilidade e mudança educacional e comportamental consecutivamente. A obra operacional emocionando, intrigando, ensinando e cativando. O que é visível durante o trabalho com releituras de obra de Portinari nesta turma.

Foi verificada esta constatação de Nereide em nossas experiências com releituras, pois observar obras, juntamente com debate trazendo reflexão modificou a maneira expressiva dos alunos, seja na oralidade como na escrita.

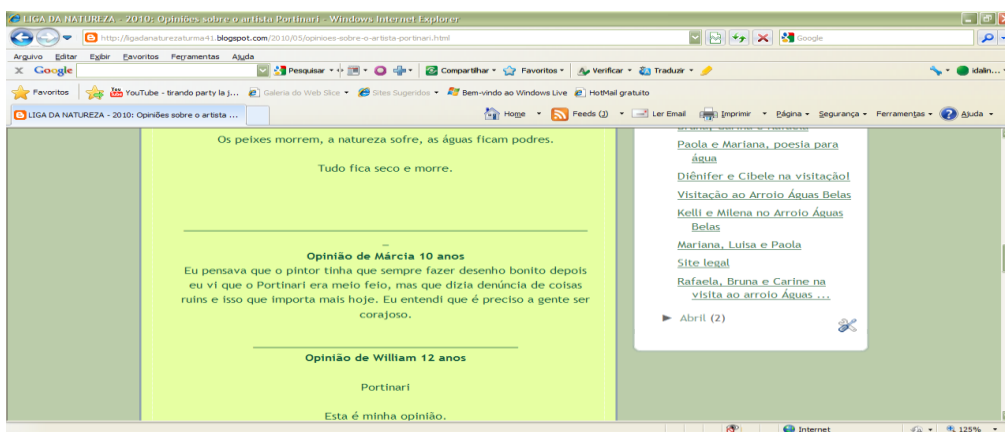


Os meios mecânicos, costumeiros em salas de aulas, só tendem a adestrar crianças, sem o valor reflexivo e que nada tem a ver com a própria realidade dos alunos. A descoberta pessoal nestas experiências traz autonomia e crescimento comportamental e educacional, os quais são visíveis no cotidiano e nas postagens.

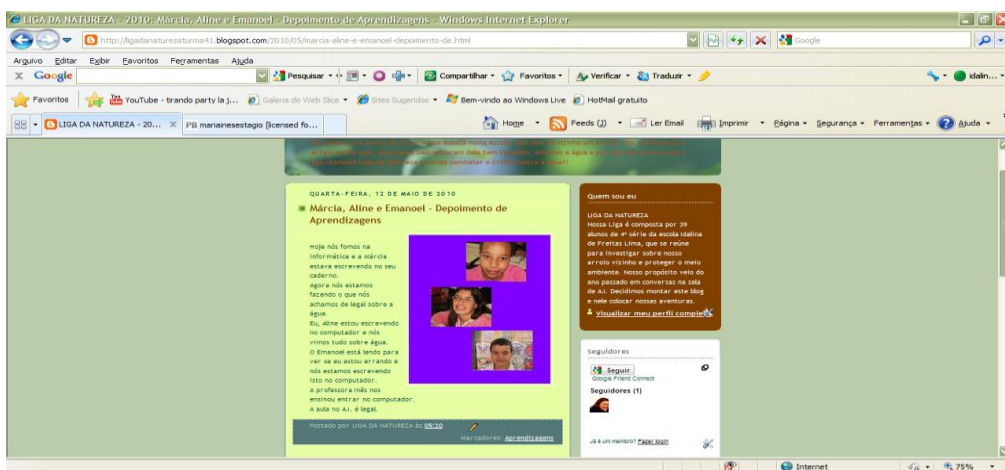
Na postagem reflexiva do diário de campo, da data de trinta e um de maio, a opinião em sala de aula é campo produtivo e evolutivo.

“...quando têm (os alunos) subsídios para observarem, logo têm opinião sobre o que observaram.”

A menina Márcia de dez anos produzia frases curtas e com muita dificuldade para expressar entendimento. Na postagem abaixo apresenta acréscimo de conteúdos educacional e comportamental, embasados em suas percepções.



Outro momento vivenciado no estágio foi à revisão ortográfica na opinião escrita, que foi realizada através de grupo e comentários individuais ou coletivos. Trabalhar com *blog* - registro e observar respeito pela opinião do outro é efeito do trabalho com releitura.



Foram opiniões muito melhores em conteúdo do que as últimas lidas na sala. Penso que eles se estimulam a escrever porque querem receber os elogios e investigarem entre os colegas, sobre como estão se expressando. Após a leitura da opinião todos queriam saber de quem era? Acharam:

"Muito legal!"

"Não haviam palavras escritas com trocas." (ortográficas) .

"Estava muito show !"

O autor de opinião que interessou a quase todos os alunos se identificou. Era menino quieto, violento e de poucos relacionamentos. A partir disto passou a se relacionar muito melhor com todos. Ainda fica na sala na hora do recreio, mas

melhorou muito a comunicação entre ele e os demais. “O que é um grande progresso.” Progresso evidenciado pela continuidade e espontaneidade nas relações. Seja se oferecendo para auxiliar colegas nas tarefas, seja por aceitar ajuda.

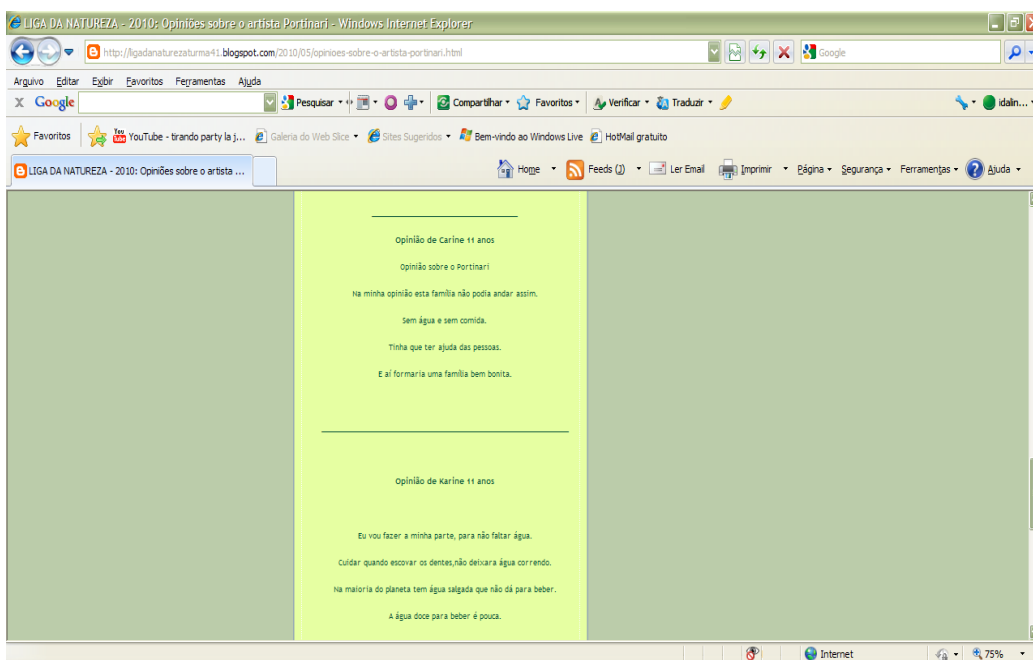
Este aluno, relatado acima, também criança com sérios problemas de todas as ordens, encontrou maneira diferente de se estabelecer e se posicionar na aula, não apenas pela força física, da qual fazia uso, mas através de “status cognitivo”. Enfim, o aluno uma vez que dissipado seu medo de errar, adquire, nesta experiência a compreensão das relações de causa e efeito, através das quais encontra eixo e mobilização para ações positivas comportamental e cognitivamente.

Outra aprendizagem interessante que pode ser ressaltada nesta experiência é a condição que o grupo toma de referência segura ou ponto de partida para reflexão pessoal, havendo correção de atos com lucidez ou, aprendizagem espontânea. A postagem em blog da turma de maio de dois mil e dez, nomeada Bruna, Carina e Rafaela registra mudanças:

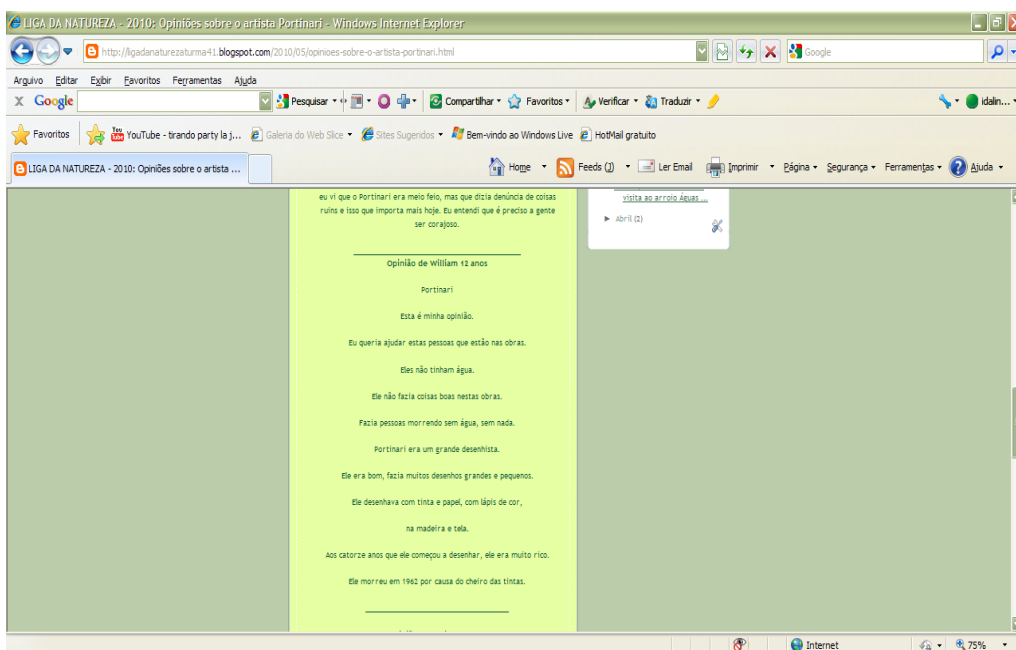


4.3. Resgatando auto estima e respeito ao próximo

Os alunos durante o estágio apresentam pouco desenvolvimento na área afetiva entre eles. Porém na fala registrada no *blog* da turma intitulada 2010- maio- opiniões sobre o artista Portinari, encontramos reconstrução neste processo, pois aos poucos vão sendo realizadas ligações mais humanas, sensíveis e preocupadas com o bem estar da turma, comportamentos que pouco se observava no início do estágio.



A força que surge através da obra, pela falta de água e de vida é um momento que se destaca pela modificação de comportamento, pois os alunos ficam realmente impressionados com o desenho e o nome de cada um deles demonstra que houve descentralização do sentimento. Foi situação que tocou emocionalmente os alunos. A postagem a seguir demonstra este acontecimento;



Este aluno ficou impressionado com a idade que o artista começou a pintar, sentiu-se capaz de tornar-se artista, e visualiza sua preocupação com a vida. Este

menino sempre se apresentou agressivo e de vida bem difícil, pois se trata de criança de abrigos públicos.

A sua auto estima elevou-se muito a partir deste dia, pois trabalhos eram entregues (anteriormente não havia nenhuma preocupação neste sentido), notas elevaram-se, passou a ouvir mais os colegas e a professora em aula, além de tomar cuidado ao dirigir-se às pessoas, percebendo a dor como sendo igual para todos.

No diário de estagio na semana reflexiva de catorze de junho o aluno pertence ao grupo seis, que ao observar vemos entregue fora do tempo hábil, porém ele entrega tarefa mesmo depois do prazo, apresentando entusiasmo, pois ele estava no grupo dos poucos que trabalharam levando o trabalho à frente, apesar de sua dificuldade costumeira:

CRITÉRIOS	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5	GRUPO 6
TODOS TRABALHARAM	x			x	x	
ALGUNS TRAB.		x	x			x
POUCOS TRAB.						
APRES. LEGÍVEL C/ CAPRICHOS	x				x	
APRES. LEGÍVEL C/ POUCO CAPRICHOS		x	x	x		x
APRES. ILEGÍVEL						
ENTREGA NO PRAZO	x		x	x	x	x
ENTREGA FORADO PRAZO		x				

GRUPO 1 Rafaela, Milena, Vitória stéfanie e Márcia.
 GRUPO 2 Murilo, william, Pétrik, Emanuel e Marlon.
 GRUPO 3 Giovana, Aline, Diênifer, Maria eduarda e Luíza.
 GRUPO 4 Karine, carine, Raiane, Mariana e Júlia.
 GRUPO 5 Bruna, Vitória Freitas, Luana e Kelli
 GRUPO 6 Guilherme, Guilherme, Vitor, Brendon e Pedro

Reflexão Semanal 24 maio à 28 maio
 Semana 8
 Planejamento Semanal 31 maio à 04 junho
 Reflexão Semanal 31 Maio à 04 junho
 Semana 9
 Planejamento Semanal 07 junho à 11 junho
 Reflexão Semanal 07 junho à 11 junho
 Semana 10
 Planejamento semanal 14 junho à 18 junho
 Reflexão Semanal 14 junho à 18 junho
 Semana 11
 Planejamento Semanal 21 junho à 22 junho
 Reflexão semanal 21 e 22 de junho
 Dias Letivos de Estágio
 Professor Nestor Supervisor de Estágio

Ostrower remete-nos para os inúmeros estímulos a que nossos alunos têm oportunidade de vivenciar. Entre esses estímulos o de brutalizar através das agressões, que sofrem através da lei do mais forte, por exemplo, e, principalmente pela pouca oportunidade de expressar-se.

Ostrower fala-nos que ambos levam a alienação e incapacidade de dialogar.

Percebe-se neste caso, que quanto mais relações espontâneas realizávamos, partindo das releituras de Candido Portinari, fosse com a turma, com outros alunos

pelo pátio, ou com professores, mais acrescia oportunidades de executar oposição ao que viu nas obras de Candinho.

O valor de respeito ao ser humano, em muitas escalas de sensibilidade, foi proporcionado pela obra que visualizou, debateu, sensibilizou e expressou. Na distribuição de panfletos e orientação sobre o cuidado com a água visualizava-se respeito que Vitória Carolina apresentava. No dia-a-dia, conversas e boa relação, demonstradas pelo ambiente de harmonia que construía.



Além destes, outros mais também começaram a tratar os colegas de forma menos agressiva e mais empática. No relato escrito de aluna super agressiva na sala (V.C. da foto acima) conseguimos observar que houve um norte, como ideal de pessoa, na figura de Portinari:



Esta reflexiva faz com que novamente observemos a abordagem de sensibilidade acontecendo após estes exercícios com obras de arte.

Cabe registrar que a primeira impressão, diante do debate na sala, foi de confusão e baderna, porém no relato a seguir exponho minha dificuldade, que com o passar do tempo, com replanejamentos e investigativa de novas possibilidades, uma ação, reflexão e mudanças a prática pedagógica.

A menina acima citada (V.C.) é prova de que na arte encontramos a realização da personalidade, o que para Fayga (2004) é a educação do ver não somente do olhar. Fayga analisa o contexto de contemplação de obras e utiliza a expressão na qual ver e olhar tem diferença, pois no verbo *ver* há contemplação e vai além de simplesmente olhar a obra, passando por ela. As atitudes desta criança alcançaram tal sensibilidade, que antes desta experiência a menina usava muito de deboche e agressão aos demais através da crítica agressiva aos tipos físicos da turma. Hoje em dia esporadicamente faz referência ao físico das pessoas.

Nereide Santa Rosa esclarece, que:

"[...] o exercício de observação e a leitura de conteúdos expressivos sobre obras de arte e ainda a troca de idéias, a análise e observação dos meios e formas artísticas (possibilitam) desenvolver o processo de construção da inteligência" (2006, pág.86)

Reconheço que nesta vivência a vontade de Carolina executar algo diferente do que vinha realizando (comportamentalmente) é aprendizagem espontânea embasada na reflexão. Estabelecer ações diferenciadas motivava na rede social, levando-a inclusive a construir novos elos de convívio. Lembro de determinada situação (brincadeiras na rua) em que Márcia, aluna da mesma turma, diz com ênfase, que o comportamento da Carolina é muito melhor agora (atribuo o tempo, após trabalho com releituras) do que há algum tempo atrás. Esta capacidade sensorial de Carolina, efetivada na prática do convívio escolar é uma atribuição às suas aprendizagens, que foram possíveis através das releituras de obras de Portinari.

No diário de estágio há referência às confusões pedagógicas que vivi: “Esta prática do saber escutar, muitas vezes confundi, acreditando que quando o riso intervinha demais, ou o grito, ou a invasão do espaço de outro colega, não era uma forma de expressão. Aqui no PEAD pude desconstruir esta idéia e modificar minha forma de "ouvir" o aluno. Acreditava que a fala se fazia necessária para a expressão se concretizar, mas depois destas reflexões da semana que passou e durante a presencial me ocorreu que os gritos, empurrões, brigas ou qualquer forma de manifestação, nas horas de discussão, eram expressão”.

O movimento dos sentidos dos alunos e da professora estudante, foi de transformação. Este trabalho visualizava a leitura e reflexão abstrata do grupo, porém desenvolveu o sentido e deslocamento das aprendizagens, tornando-se período sensível para receptividade do todo.

Buscamos juntos, informações sobre a força da palavra (positiva ou negativa) através de interesse aumentado após as sensações das releituras. O trabalho com a água se desenrolava.

Organizamos um pequeno experimento com água e gelo e a força da palavra, pois estávamos motivados para mudanças. O que foi impulso para investidas posteriores em buscar sites e experimentos. É possível visualizar através do *blog* da turma, com postagem intitulada: água leva força do pensamento.



Acredito que o papel do professor é justamente organizar o ambiente de expressões confusas e nele construir aprendizagens, suas e de seus alunos. Ostrower aponta para a riqueza individual que há na inteligência sensível, acesso que tanto alunos como: professora experimentamos neste trabalho.

“[...]a riqueza de cada um consiste em sua humanidade e inteligência sensível. É isto que torna as pessoas criativas. A arte é um legado para a humanidade. “Quanto mais viessem a conhecer a arte mais esta lhe pertenceria.” (2004, pág.385)

No relato que segue, em postagem de diário do estágio do dia vinte e quatro de maio há análise sobre o crescimento visível na área comportamental e pedagógica. Há presença de resultados positivos sobre a afetividade, auto estima .

“Esta semana foi muito gratificante pois vi as relações de aprendizagem acontecendo realmente. Seja na atitude de Vitor, ao postar em *blog* todo seu conhecimento tecnológico, seja na desconfiança de Guilherme quanto ao gelo e a palavra, na Vitória perguntando por que a maquete do William estava diferente da dela e a intervenção do mesmo explicando os espaços eram mínimos e não tão maiores... O Pedro ajudando Brendon a construir seu mapa em e.v.a. pois a habilidade com a tesoura era pequena, ou ainda a Paola que preocupada com suas notas perguntava incessantemente sobre parágrafos...

Nas meninas que construíram o texto em grande grupo (que pode ser lido no endereço:<http://mariainesestagio.pbworks.com/w/page/26591059/O->

Ang%C3%BCera,-pelas-alunas-da-turma-41)- quantas falas ao mesmo tempo! Mas a organização final com autoria e valoração de todas. “Nesta semana construí na prática a concepção de autoria como apontadora de sucesso, auto estima, colaboração...”.

Os alunos sentiram-se provocados de tal maneira que nesta tarefa, com artista e sua obras, na qual eu jamais havia trabalhado, venho conceber que arte é uma fonte inesgotável de caminhos para sensibilizar e... aprender.

“A conversa no dia anterior parece que ainda prevalece. O respeito está sendo construído”. Ao comprovar a mudança comportamental da turma, nestas frases, retomo a reflexão de Barbosa sobre a ética da escola e o discurso vazio, em que coloca a arte em patamar de altas realizações, porém pouco promovendo para que haja conexão real entre arte – escola. Seja através de recursos financeiros, visitas a ambientes artísticos, etc (recursos financeiros e humanos).

"[...] a sociedade coloca na hierarquia cultural a arte como uma das mais altas realizações do ser humano, construindo "verdadeiros palácios" que chamamos museus para expor os frutos da produção artística ... Reconhecemos que a arte representa a apoteose cultural de uma sociedade, mas reservamos um espaço bem pequeno para ela na escola." (2005, pág, 33)

Muitas vezes esta conexão não se faz presente pelo próprio despreparo dos docentes. A tomada de consciência da importância da arte na escola é o primeiro passo para que realizemos a diferença. A característica da escola está essencialmente na consciência do corpo escolar. Acredito, que professores através da consciência da dimensão que a arte proporciona, possam extrair energias deste legado fabuloso. Crer que rompendo com a prática do copiar possam construir a prática do pensar, na qual as releituras experimentadas neste trabalho são meios sem limites para esta mudança.

4.4. Valorizando o próprio ambiente

O artista Portinari, sua intenção de denúncia na obra, a falta de água e de vida nela representada, a questão social mal resolvida em que o bairro sofre com o descuido do arroio local, o desamor ao ser humano e à vida, além da reflexão sobre

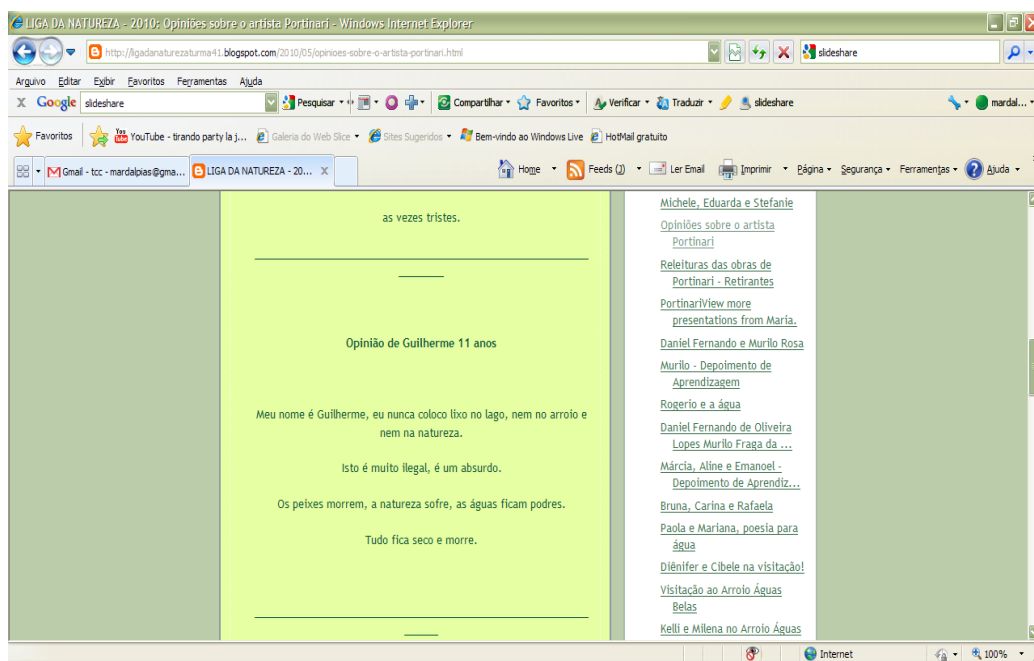
a própria morte, foram reconhecidos neste contexto vivenciado através de conversa informal e debate na sala de aula.

O uso pedagógico das imagens, trabalhado de forma expressiva oral e artisticamente libertou aprendizagens nos alunos. Aprendizagens essas que puderam ser aplicadas em outras ramificações de suas vidas, como por exemplo, a visualização do problema social da água que enfrentam, (através do arroio) conseguindo o resgate de novas propostas, antes de tornar-se impossível sua solução.

No primeiro momento simplesmente observaram os desenhos e sentiram certa sugestão do que se tratava, porém ao lerem: “Menino morto”, “Criança morta”, “Retirante grávida”, “Homem com sede”... Foi muito impactante e de certa forma a partir deste momento percebi que começaram a mudar suas percepções quanto ao seu espaço escolar também. Na fala registrada abaixo

É possível visualizar através de opiniões em blog da turma Maik dez anos, aluno que citei anteriormente, que faz conexão interessante com a expressão da arte de Portinari. Cita a obra como “feia e que diz a verdade”.

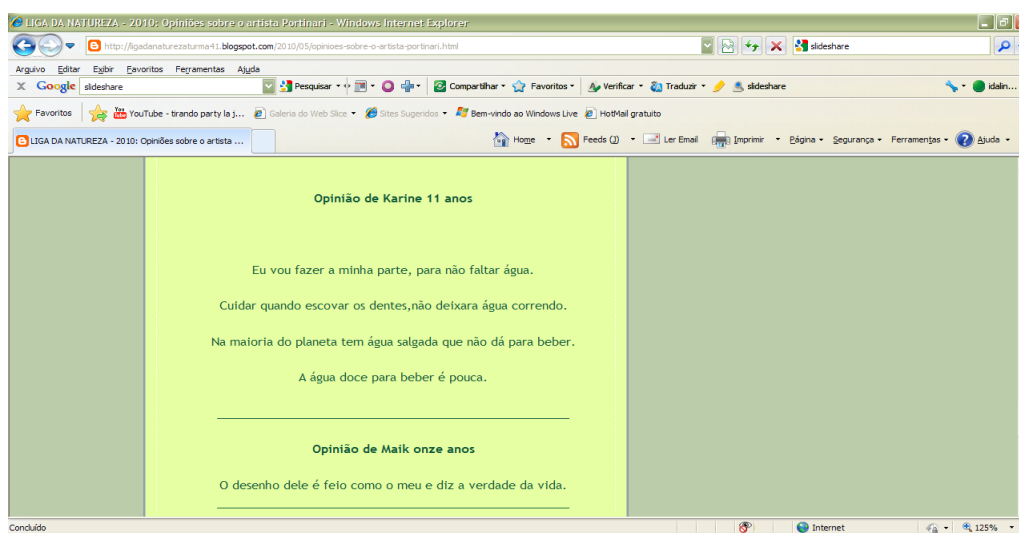
O menino alcança criticidade e a devolve sua opinião sobre Portinari relatando diretamente a consequência da falta de água, ao qual trabalhávamos no estágio - arroio com problemas de cuidado e limpeza.



Nereide Santa Rosa afirma que a arte quando emociona, a partir do contexto em que foi realizada, passa – nos a mostrar a importância e o conteúdo educacional que contém.

" A arte pode também, ensinar, quando a obra apresenta imagens históricas, retratos ou temas sociais, como a pintura *Os Retirantes* de Candido Portinari (1903-1962) que se transformou em signo que denunciou uma triste realidade da sociedade." (2006, pág, 15)

Através da mensagem da obra, sem mencioná-la a aluna abaixo também obtém alcance crítico, que direciona para sua vida prática.



Nesta última frase de Karine, foi construído o sentido que fez observar Portinari, a compreensão do espaço que vive o cuidado a partir das atitudes e principalmente o compromisso firmado diante do grupo.

Acredito que este relato tenha força muito intensa por apresentar estes fatores reunidos. Neste relato escrito, a menina faz reflexão econômica, social e educacional, que conforme Nereide Santa Rosa, o debate realizado durante o trabalho com releituras de arte de Portinari (e Debret posteriormente) auxiliou no processo educacional, como papel primordial.

Outra fala interessante que arquivada ao relatório do estágio do dia dez de maio, fez com que pensasse mais sobre a maneira de sensibilização foi:

"Graças a Deus aqui não falta água assim, profe!"

Havia certo alívio da Maria Eduarda, de dez anos, pois apesar de (o grupo) constatarem a sujeira ao redor do arroio do estudo de caso e até resgatarem

sugestões para tal cuidado, podiam sentir que ainda tinham tempo para consertar problemas.

Piaget estudou como é construído o conhecimento, o conhecimento em termos de significação. A inteligência constrói e dá significado ao mundo.

As falas a seguir trazem sugestões das crianças após debate em sala, sobre maus tratos com as crianças, passado nas escolas, castigos aos escravos, etc.

Trechos retirados do relatório de estágio de três de maio:

“...o grupo foi unânime em dizer que o arroio é caso grave de se estudar mas principalmente de se investir em visitas, explicações aos que ali depositam lixo”.

A ação da criança é a ferramenta que existe para dar significado. Essa ação Piaget define por um constructo que se chama esquema, esquema de ação. Esquema é o significado que o sujeito coloca no objeto através da ação. É o generalizável na ação.

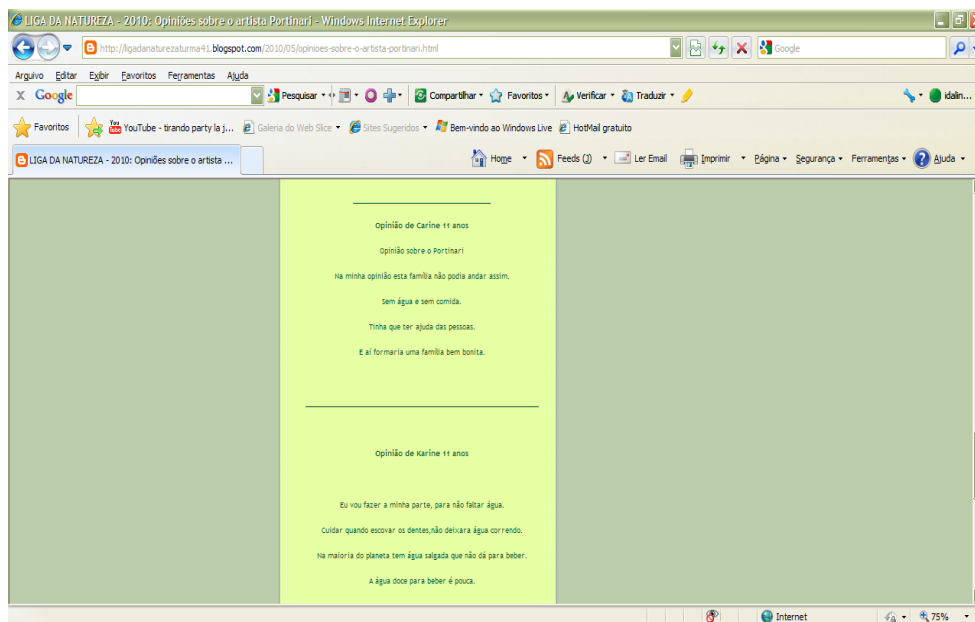
Uma reflexão interessante foi de uma menina, que observa atitudes dos moradores de forma contrária ao que todos até o momento pensavam. O que levou a turma a novos questionamentos e ações.

“Não são só as pessoas que moram por ali que põem lixo, é até o contrário, pois são pessoas que tem carroça. Eles (os carroceiros) cobram para carregar o lixo das pessoas (que moram longe do arroio) e elas sem saber pagam para sujar o arroio.”

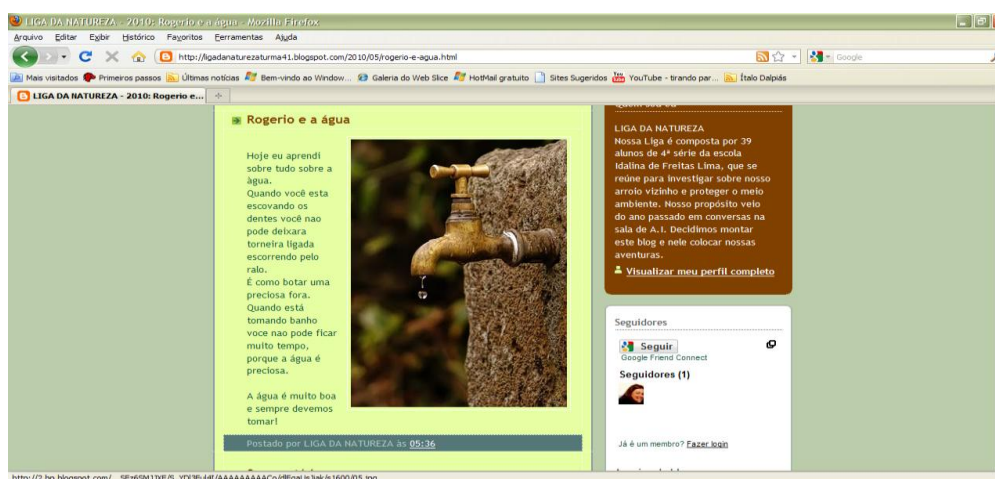
“Devemos ter um guarda que cuida disso sempre.”

“Vamos fazer uma passeata e dizer para as pessoas cuidarem dos carroceiros e espantarem”, “Vamos fazer passeata sempre profe, porque tem muita gente que não ouviu ninguém explicar, que é um arroio e não um valão”. A integração da turma na tomada de consciência, na expressão oral e escrita, bem como o desejo de solucionar o problema do arroio, são elementos da aprendizagem, que surgiram de questionamentos, “disparados” pelo impacto da obra de Portinari, debates, constatação via pesquisa, novos debates, relatos orais e escritos, nos quais eram realizadas correções em grupo inclusive da gramática, sem falar no conteúdo significativo que aos poucos era possível visualizar.

O contexto cada vez mais social e afetivo estava proposto nas atitudes e falas dos alunos. A correção que foi realizada em suas visões imaginárias ou concepções ingênuas ocorreu pelas descobertas sobre obras de arte. Aproximar-se da dor, pela obra, sugeria espontaneidade, atitude e transformação.



Rogério dez anos



Olhar o mundo de maneira diferente, investigá-lo, acrescentar suas experiências anteriores, outras modificadas pela ação do contexto e transformar parte do meio, são itens de aprendizagens que ocorreram neste estágio. Observações realizadas por Piaget em seu estudo da inteligência na criança, provam que o sujeito está num movimento constante de assimilação desta realidade

aos seus esquemas ou estruturas cognitivas. O sujeito está em constante retirada de dados ou informações.

É importante salientar que a releitura praticada nesta experiência, adquiriu um harmonioso preparo, ou seja, o tempo ajustou-se as atividades e não o contrário como costumamos fazer. Este aprendizado inclui o entendimento da análise. Construir novos esquemas rende esforços e dá tonicidade a mente. Parece difícil, quanto professor, entender como interferir de maneira estimulante neste movimento realizado pelos alunos, porém esta experiência com releituras veio acrescentar à minha prática este saber.

As questões inquietantes iniciais valeram como desafios para pesquisa, porém as certezas provisórias, logo comprovadas, diziam que nada estava pronto.

A cada passo dado havia mais dúvidas e que poderiam ser temporárias sim, por que não? Segundo Piaget nem sempre ocorre a assimilação pura, uma situação nova pode provocar perturbação quando se depara com algo que contradiga às hipóteses possíveis de interpretação havendo modificação interior nas concepções de nossos sistemas cognitivos. Estas dúvidas e certezas desestruturadas pelo diálogo amoroso e fraterno, no qual cada aluno podia ouvir e ser ouvido pelos seus saberes. Nereide Santa Rosa fala-nos da arte como inerente às pessoas: “ A arte existe porque faz parte do ser humano e o seu apreciar proporciona prazer, envolvimento e aprendizado”. (2006, p. 16)

Todo o trabalho inicial de estágio objetivava a importância do cuidado com o arroio Belas Águas, que se apresentava como problema.

Introduzir Portinari em Retirantes foi uma proposta para sensibilizar os alunos, buscar propostas de novos comportamentos e realizar pesquisa que desse sentido ao cuidado com a água, além de fomentar possíveis estratégias para o cuidado com o arroio. Porém ampliou-se a prática, pois foi acrescentado ao objetivo inicial tomada relevante de atitudes, por parte dos alunos e conseqüentemente pela professora estudante.

O trabalho com a obra de Portinari sensibilizou de tal forma a turma que foi possível acompanharmos através deste trabalho de conclusão o nível de mudanças comportamentais e educacionais que atingiram.

A turma na sua grande maioria mudou atitudes que apresentavam como: debochar de tipos físicos da turma, agredirem-se verbalmente e até fisicamente uns aos outros, maltrataram colegas com apelidos que desmotivavam e desacreditavam no potencial individual, dirigiam-se com palavrões e de má vontade ao serem abordados para fornecerem ajuda etc.

Ao longo do acompanhamento dos trabalhos como: reflexões, expressões orais, escritas e plásticas as revisões e concepções foram se modificando de maneira que os registros apontavam para avanços positivos.

Sendo comparados comportamentos aos citados acima com os que seguiram ao trabalho com releitura, não mais visualizávamos agressões na sala nem nos outros locais da escola nesta turma. Quanto aos deboches foram cessando e quando se apresentavam, esporadicamente, logo o procedimento geral era de desgosto e não aceitação. Não havendo reforço positivo ao mesmo, que cessou por completo. As provocações com apelidos e palavrões não mais pertenciam ao desejo da turma, pois a dor que a obra refletia trouxe sentimento de respeito para os demais focos que pudessem vivenciar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa pela pergunta: Quais os efeitos educacionais e comportamentais sobre os alunos do uso pedagógico de imagens de arte?

Através deste questionamento busquei abordagem teórica de Ostrower, que tornou possível minhas reflexões a respeito da pouca experiência de alunos com a arte.

A breve intimidade com esta experiência, assim como no estudo de Ostrower em *Universos da Arte*, provou-nos que a arte alcança altíssimos níveis de enlace entre sensibilidade e a capacidade cognitiva. Valorizar cada vez mais os momentos da riqueza individual que a arte pode evidenciar através da inteligência sensível é acesso possível tanto alunos quanto para professores. Ostrower conduziu ao afeto pelo novo, a audácia que encaminha para inusitadas situações, porém observando com cautela as possibilidades como positivas e negativas, atuando com a necessária criticidade, instrumento de consciência e liberdade.

Barbosa por sua vez, reforça em suas reflexões dirigidas a visão sócia educativa. Ao contrário ocorreu com as teorias de Mirian Martins, em seu livro - *Temas e Técnicas em Artes Plásticas* - destinado ao uso de professores para trabalho com arte na sala de aula. A leitura não conduzia a reflexão, tão pouco a olhar o contexto social, reduzindo as informações a uma estratégia pronta, porém tornou possível fazer relação entre idade dos alunos e percepção estética, que estes têm em determinadas fases. Desta forma, mesmo na literatura em que parecia se distanciar do foco em questão foi incorporada ao trabalho boa dose de sentido pedagógico para o estudo.

Por meio da literatura de Barbosa (a qual propiciou a investigação da taxionomia de Bloom através de seus estudos) houve concordância nesta experiência relatada sobre a construção das aprendizagens ampliadas pela arte. Saberes relativos ao campo vasto e produtivo que a arte conduz aos quais a educadora Nereide Santa Rosa configura em suas literaturas,

Os estudos, das autoras, anteriormente citados apresentam uma abordagem política, pois entendem a arte como meio para reflexão e poder transformador. A arte como instrumento de sensibilização e educação dos sentidos, tanto um quanto o outro, minimizados pela sociedade e pela própria escola, como meio de silenciar e oprimir. Ao que Paulo Freire reporta-se como ler o mundo. Imagens lidas, denunciadas por Candinho e relidas por alunos. Além da consciência política, as fórmulas de construir inteligência e saber, através da expressão, estão contidas na arte.

O valor inestimável que a arte produz não deve resumir-se a poucos, mas alcançar todos os ambientes escolares, cruzando fronteiras entre as disciplinas, desintegrando e renovando idéias, para que realmente se cumpra o papel da escola.

Com este trabalho resignifiquei o termo: *Ler o mundo*. Aprendi qual a trajetória da inteligência, que inicia através dos sentidos, passa pelo coração e invade o cérebro, causando crescimento. Acredito, que através da consciência da dimensão que a arte proporciona, é possível extrair energias deste legado fabuloso. Creio que rompendo com a prática do copiar posso construir a prática do pensar, na qual as releituras experimentadas neste trabalho são meios sem limites para esta mudança.

Aprendi a amar ainda mais a arte, com “seus belos e feios”.

Porém meu aprendizado principal foi a compreensão de que é simples e vital experimentar com nossos alunos a arte, e através dela, partilhar sentimentos, resignificar teorias, crescer, transformar a si mesmo e o mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo, 1933 - **Conversas com quem gosta de ensinar**. Rubem Alves. - São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos** - 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. Pág. 33

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola** - 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. Pág. 52

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: **Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996: 15, 16 .

MARTINS, Mirian celeste Ferreira Dias. **Temas e técnicas em artes plásticas**. 2 ed. - São Paulo: ECE, 1986: 65.

OSTROWER, Faiga,1920-2001. **Universos da Arte** : edição comemorativa Fayga Ostrower. 24 ed. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2004 - 4 reimpressão. Pág. 343, 345, 383.

SANTA ROSA,Nereide Schilaro,1953. Arte- educação Para Professores; teorias e Práticas na Visitação Escolar/ Nereide Schilaro Santa Rosa e Neusa Schilaro Scaléa. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2006: 14, 15, 16, 38,47,48,86,

_____A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos - 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. Pág. 33

Leitura sobre bloom: acesso em 22/9/10

<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Configura%E7%F5es%20locais/Temporary%20Internet%20Files/Content.IE5/YHQIE6VD/toe-saude%5B1%5D.ppt#268,8,Internet%20Files/Content.IE5/YHQIE6VD/toe-saude%5B1%5D.ppt#268,8,>

Leitura de LDB: Acesso em 23/9/10

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

Leitura sobre releituras de arte: acesso em 28/09/10

<http://teclec.psico.ufrgs.br/mec-nte/Projetos/releitura/inspira.htm>

Leitura sobre o estudo da inteligência por Piaget: Acesso em 19/10/10

<http://ucsnews.ucs.br/ccha/deps/cbvalent/teorias/textos/episte.htm>

Endereço de reflexões de diário de estágio:

<http://mariainesestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-Semanal-03-maio-%20C3%A0-07-maio>

[http://mariainesestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-Semanal-10-maio-% C3%A0-14-maio](http://mariainesestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-Semanal-10-maio-%20C3%A0-14-maio)

[http://mariainesestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-Semanal-31-Maio-% C3%A0-04-junho](http://mariainesestagio.pbworks.com/Reflex%C3%A3o-Semanal-31-Maio-%20C3%A0-04-junho)

<http://mariainesestagio.pbworks.com/w/page/27169598/Reflex%C3%A3o-Semanal-14-junho-%C3%A0-18-junho>

Endereço de postagens do blog da turma:

<http://ligadanaturezaturma41.blogspot.com/2010/05/bruna-carina-e-rafaela.html>

<http://ligadanaturezaturma41.blogspot.com/2010/05/opinioes-sobre-o-artista-portinari.html>

<http://ligadanaturezaturma41.blogspot.com/2010/05/agua-leva-forca-do-pensamento.html>